



Nilo Tardin

ASSOREAMENTO

Além da estiagem, o desaparecimento das nascentes e a poluição contribuem para que o rio fique degradado

Degradação do Rio Santa Maria piora com a seca

As nascentes não estão conseguindo abastecer o rio

COLATINA (Sucursal) – A estiagem que já se prolonga por 15 meses no Norte do Estado agrava o estágio de degradação do Rio Santa Maria do Rio Doce, em Colatina. Quase sem água, a vazão foi reduzida em 60% em relação a este mesmo período no ano passado. A constatação é do chefe do escritório local da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), Darci Rimo Casteluber. Sem chuvas, as nascentes não estão conseguindo abastecer o leito do rio e muitas delas secaram completamente em decorrência do desmatamento e da expansão urbana na área da bacia hidrográfica. Do distrito de Boapaba até a foz, um trajeto de 12 quilômetros, a situação é crítica. A seca transformou o rio em apenas um valão cujo escoamento se resume em esgotos domésticos e à pouca água dos microafluentes.

A Emater prepara um mapeamento do manancial, que nasce em Santa Teresa e deságua no Rio Doce, em Colatina. O objetivo é diagnosticar os pontos críticos da degradação ambiental e incentivar a formação de um consórcio de recuperação. O assoreamento complica a vazão, propiciando o aparecimento de poças quase represando o baixo volume de água, cuja lâmina atualmente

chega a pouco mais de 10 centímetros. Darci Casteluber diz que de abril de 1997 até o momento a redução do índice pluviométrico foi 70% menor do que no ano anterior. E, de janeiro a julho deste ano a Emater informou que o índice foi de 244,5 mm, 25,7% a menos do que em 97.

EMATER – Casteluber teme que o rio possa deixar de ser perene nos próximos anos, caso uma intensa campanha de reflorestamento nas nascentes e nas margens não seja efetuada. Para isso, a Emater prepara o projeto “Adote uma Nascente” que será desenvolvido em parceria com as escolas da região, associações comunitárias e de produtores rurais. A devastação da Mata Atlântica, que ocupava toda a bacia hidrográfica até o fim da década de 50, fez com que hoje ela não chegue a 5% segundo Darci Rimo Casteluber.

Ambientalistas da Associação Colatinense de Defesa Ecológica (Acode) identificaram centenas de construções irregulares ao longo da calha principal do Santa Maria, na zonas rural e urbana do município situadas dentro da faixa de proteção; uso excessivo de irrigação em hortas e plantações de tomates; despejo de resíduos químicos de agrotóxicos e as queimadas que aumentaram

com a seca, contribuindo para acabar com a vegetação nos morros e nas encostas. Os ecologistas colatinenses chegaram fechar um protocolo de intenções com os prefeitos anteriores de Santa Teresa e Colatina, visando à despoluição do Rio Santa Maria. O projeto não vingou. Os ambientalistas culpam a falta de uma política contínua de defesa do meio ambiente e temem que com isso todas as iniciativas continuem sendo anuladas.

O engenheiro florestal José Carlos Júnior, da Orbis Assessoria Agrícola e Florestal é bem menos otimista e afirma categoricamente que o Santa Maria deixou de ser um rio perene para ser quase intermitente. Ou seja, a vazão do rio só aumenta em período de chuvas com o escoamento superficial da água. Segundo ele, a perda de água não é de agora nem foi acentuada com a estiagem, mas pelo desaparecimento das nascentes iniciado décadas atrás. “O volume de água do Santa Maria é pequeno há muito tempo. A seca mostrou uma realidade. Sem chuvas não acontece o abastecimento do lençol freático. Agora, o rio praticamente inexistente. O grosso de água que o canal de drenagem carrega é de efluentes domésticos”, denuncia.